

## A hipótese de Lacan

Jairo Gerbase

No campo que nos concerne, o do sintoma dito mental, há pelo menos três orientações bem definidas: a da psicologia, que supõe que a condição da formação do sintoma seja o ambiente (a família, a sociedade, o capitalismo), a da biologia, que supõe que a condição da formação do sintoma seja a genética (a hereditariedade, a neurotransmissão) e a da psicanálise, que supõe que a condição da formação do sintoma seja o real.

Dito de outra maneira, em termos empíricos, quando um sintoma mental se desencadeia, a psicologia tende a responsabilizar uma mãe que se separou deixando o filho aos cuidados do pai. Diz que se trata de uma má mãe, que o menino é não amado, não desejado e que isto justifica o desencadeamento de um sintoma.

Por seu turno, a tendência da psiquiatria biológica é dizer que se trata de uma condição genética; recomenda procurar na hereditariedade o comparecimento de casos semelhantes. Tal como não se responsabilizaria uma mãe por um filho ter desenvolvido um sintoma somático a posição biológica não responsabiliza o ambiente pelo desenvolvimento de um sintoma mental.

A contribuição da psicanálise é dizer que não há nenhuma participação da realidade na formação do sintoma, que o desencadeamento de um sintoma é do real, que houve aí encontro do real, que o sujeito encontrou algo impossível de ser dito, encontrou algo inefável e que vai ser necessário tagarelar para poder dizê-lo, para poder tocar o real.

A hipótese de Lacan: o corpo afetado pelo inconsciente é o próprio sujeito de um significante, se sustenta na idéia que o inconsciente seja o real. De acordo com esta hipótese, o corpo e o sujeito são colocados em posição de equivalência, se não de homologia, o que tem a vantagem de deixar de lado a divisão corpo e mente.

Um corpo é afetado pelo inconsciente no sentido em que um significante tem ressonância nele, em que um dizer faz eco nesse corpo, o que só é possível acontecer em um corpo sensível ao significante. Esse eco é o que chamamos de pulsão. Por isso, o objeto voz ganha prevalência entre os objetos pulsionais, embora o objeto olhar continue a lhe fazer concorrência.

Há corpo sensível ao latido, ao miado, ao mugido, ao berro, ao gorjeio, etc., e há corpo sensível ao dizer.

Que um corpo seja afetado pelo inconsciente significa que o inconsciente atinge um corpo, exclusivamente um corpo que costumamos chamar de corpo humano, mas que bem poderíamos chamar de sujeito de um significante.

A hipótese de que o corpo afetado pelo inconsciente é o próprio sujeito de um significante, comprova a tese de que um significante representa um sujeito para um outro significante e não que o significante representa alguma coisa para alguém, comprova que o corpo é de saída afetado pelo significante, que não há, em primeiro lugar, o corpo vivo e, depois, o corpo falante.

Uma criança pequena antes dos dezoito meses de idade vive esse drama de receber significantes dos adultos que lhe rodeiam dos quais não sabe o sentido. Isso mostra bem em que sentido o significante é real, quer dizer, impossível de ser entendido, mostra também em que sentido o inconsciente é real, ou seja, mal-entendido.

Dizemos que o desamparo em que se encontra uma criança nestes primeiros meses de vida faz com que ela crie uma dependência absoluta do dom do amor do outro, o que não deixa de ser verdade, mas não tem nenhuma importância na formação do sintoma mental. O dom do amor da mãe tem certamente importância fundamental na sobrevivência, na preservação da vida de uma criança. Há, todavia outro desamparo que é nascer sem o acesso ao sentido do significante, nascer por assim dizer inteiramente no real e é isso que tem tudo a ver com a formação do sintoma.

Não creio que uma criança tenha idéia da morte e que se sinta por isso desamparada, mas creio que se sente desamparada por não poder se comunicar imediata e precisamente fazendo uso das palavras; e é esta, de acordo com a hipótese lacaniana, a condição da formação do sintoma.

Para afetar um corpo, o inconsciente necessita de um instrumento que é o significante extraído da alíngua, que por ser transmitida simultaneamente com a língua chamada materna, dá lugar à aparência de que a família, especialmente a mãe, tem um papel na formação do sintoma.

O que é alíngua? Há a língua e alíngua. Há a língua materna e alíngua do inconsciente. Alíngua é uma linguagem formada dos mal-entendidos da língua. Alíngua é formada a partir dos equívocos da língua. Alíngua é constituída das interpretações equivocadas do sentido das palavras. Com ela se constroem o sonho, o lapso, a piada, a poesia e o sintoma. Constroem-se as chamadas formações do inconsciente que são formações do significante.

Alíngua é correlata da contingência do ouvir que tem a vantagem de não deixar o sujeito passivo, de fazê-lo ator e autor do que se ouve, e a partir daí seja o que for que se diga fica esquecido atrás do que se diz, a partir daí cada enunciado deixa supor uma enunciação.

A contingência do ouvir nos remete ao discernimento entre realidade e fantasia, por exemplo, entre a realidade e a fantasia de sedução, coerente com essa afirmação que há pouco usamos que nada da realidade participa da formação do sintoma, idéia que se encontra nos escritos freudianos sobre a etiologia do sintoma.

Sustentar que o abuso sexual infantil (ASI) participa da formação do sintoma implica colocar o sujeito em posição passiva enquanto que Freud quer que o sujeito seja ator, autor da formação do sintoma, e é por isso que ele faz essa distinção entre histeria e obsessão, em relação ao tipo de gozo, prazer ou aversão, experimentado pelo sujeito numa suposta cena traumática de sedução ou abuso sexual infantil.

A expressão contingência do ouvir também quer indicar, se entendemos por contingência o que parou de não se escrever, o que passou a se escrever, porque um significante fez tal sentido para um sujeito e não para outro em um mesmo ambiente. Por contingência do ouvir devíamos entender o fato de que é o sujeito quem decide o sentido daquele significante ou é o sujeito quem decide o sentido traumático de determinado significante o que quer, em suma, dizer que um significante representa um sujeito para um outro significante e não que representa alguma coisa para alguém.

Um sujeito descreve como uma experiência traumática (uma espécie de epifania, uma percepção do significado essencial de uma expressão, uma espécie de *déjà vu*) o dia em que se encontrou com o significante LONELY HEARTS, quando, então, percebeu que a realidade lhe era hostil e se inscreveu no CLUBE DOS CORAÇÕES SOLITÁRIOS.

Que isso tenha tido uma ressonância em si, é mesmo o que quer dizer contingência do ouvir e que tem um sentido equivalente, se não homólogo, à expressão encontro do real. Este encontro é algo parecido com o que ocorreu a Sinclair em seu encontro com Kromer no Demian de Hesse. Também é parecido com as experiências estéticas e literárias, as epifanias em Stephen o Herói, de Joyce.

Por isso evocamos esta frase do L'Étourdit que se diga fica esquecido atrás do que se diz no que se ouve. Há aí muitas variáveis, uma verdadeira "variedade" de coisas a explorar.

Alíngua também é correlata do inconsciente real, do ICSR, sugerido em 1977, no Prefácio à edição inglesa do seminário 11, de Lacan. O ICSR consiste em opor a estrutura de linguagem aos efeitos de alíngua.

No campo que nos concerne o discurso científico se sustenta na hipótese da serotonina, mas o discurso analítico deve se sustentar da hipótese do significante. O discurso científico sustenta que há comunicação, o discurso analítico que há mal-entendido. O discurso científico sustenta que há linguagem, o discurso analítico que há alíngua. O inconsciente é feito de alíngua e é nisso que ele é real.

Nesse sentido não há diálogo. Os autores da teoria da comunicação chamaram a atenção para o tipo de diálogo de duplo vínculo entre pais e filhos chegando a postular o conceito de metálogo<sup>1</sup>, porém não se deram conta que na comunicação trata-se de fazer o interlocutor dizer a resposta que o locutor espera, que o emissor recebe do receptor sua própria mensagem de uma forma invertida.

Há seres que falam e sempre se tentou saber o que sabem os seres que não falam. Isso deu motivo às fábulas dos animais falantes no que Andersen foi um dos mais eminentes. Deu motivo também a se colocar o rato no labirinto, se promover pesquisas para saber se o rato aprende.

O ser que fala é um corpo que fala. Corpo falante e ser falante são equivalentes, se não homólogos. O saber repousa na alíngua, no inconsciente, por isso real. O corpo é o saber do um. Esse saber não vem do corpo, mas do significante um, S<sub>1</sub>. Há um. Há o elemento, a unidade que faz a relação do sujeito \$ com o saber S<sub>2</sub>. Não há ser, mas saber que se articula.

---

<sup>1</sup> Metálogo ou metadiálogo é um diálogo sobre o próprio diálogo, uma metalinguagem. Um diálogo fictício entre um pai e uma filha escrito por Gregory Bateson em seu livro *Steps to an Ecology of Mind* (1972) e reproduzido por Heinz von Foerster em seu artigo “Visão e conhecimento: disfunções de segunda ordem” no livro “Novos paradigmas cultura e subjetividade” organizado por Dora Fried Schnitman.

O que é um instinto?

Filha: Papai, que é um instinto?

Pai: Um princípio, querida, é um princípio explicativo.

F: Mas o que explica?

P: Tudo... quase absolutamente tudo. Qualquer coisa que queiras explicar. (note-se que, algo que explica tudo, provavelmente não explica nada).

F: Não sejas bobo: não explica a gravidade.

P: Não, mas isso é porque ninguém quer que o “instinto” explique a gravidade. Se o quiserem, explicaria. Poderíamos dizer que a lua tem um instinto cuja força varia inversamente ao quadrado da distância...

F: Mas isso não faz sentido, papai.

P: Creio que não, mas foste tu quem mencionou o instinto, não eu.

F: Está bem... mas o que é que explica a gravidade?

P: Nada, querida, porque a gravidade é um princípio explicativo.

F: Oh! Breve pausa.

P: Humm... quase nunca. É o que Newton queria dizer quando disse: *Hypothesis non fingo*.

F: E o que significa isso, por favor?

P: Bem, tu já sabes o que são hipóteses. Qualquer afirmação que conecta, entre si, duas afirmações descritivas é uma hipótese. Se tu dizes que houve lua cheia em 1<sup>a</sup> de fevereiro e novamente em 1<sup>a</sup> de março e logo conectas essas duas observações, de certa maneira essa afirmação é uma hipótese.

F: Sim, e também sei que quer dizer non, mas e fingo?

P: Bem, fingo é uma palavra que, em latim antigo, significa faço. Forma um substantivo verbal fictio, do qual procede nossa palavra ficção.

F: Papai, queres dizer que Sir Isaac Newton pensava que todas as hipóteses se compõe como se fossem contos?

P: Sim, precisamente.

F: Mas não descobriu a gravidade? Com a maçã?

P: Não, querida, a inventou.

Moral da história: *Se Newton inventa a gravidade é a linguagem quem inventa o mundo. Se ele a descobre, então a linguagem representa o mundo.*

Há saber que não se sabe, que se baseia no significante, o sonho, por exemplo. O real é o mistério do corpo falante, do inconsciente real.

Por conta da aversão à função da fala e ao campo da linguagem impulsionada pelo interesse crescente pelas estruturas pré-verbais, a peste de Freud, segundo Lacan, tornou-se anódina. Supomos que podemos dizer que hoje a peste de Lacan também vem se tornando anódina, devido à resistência cada vez maior em aceitar que o inconsciente seja o real, por não poder aceitar que estamos no inconsciente quando o sentido já não tem nenhum impacto como se pode notar na interpretação do lapso.

Hoje se verifica que é nessa direção teórica que a prática de psicanálise com crianças continua progredindo, procurando investigar o desenvolvimento da libido, as estruturas pré-verbais, a relação de objeto, o que acaba fazendo essa prática supor que há alguma coisa que se passa antes mesmo que a criança fale. Basicamente, se parte da idéia de que há antes do corpo falante o corpo vivo.

Creio que é por isso que Lacan propõe que a linguagem é uma elucubração de saber sobre a língua, e essa evocação do pré-verbal de fato se justifica se colocarmos a origem do simbólico, essa que se conhece como Fort-Da, na linguagem. Por isso Lacan introduz seu termo a língua, que estrutura o pré-verbal, ela mesma anterior, primária, antecedente lógico da língua materna e ela mesma nó.

Outra influência marcante à aversão da função da fala e do campo da linguagem vem da psicologia social que tem destacado essa relação teórica entre saúde e trabalho, que leva os pesquisadores da epidemiologia psiquiátrica a afirmarem que o trabalho precário, informal, a falta de seguridade social geram problemas de saúde como estresse, ansiedade e depressão e que há relação entre raça, gênero, classe social e sintoma mental.

A psicologia social propõe que, desde a descoberta do inconsciente freudiano, as transformações sociais na constituição da subjetividade têm levado a psicanálise a refletir sobre o seu lugar na cultura. Diz que os textos freudianos sobre a sociedade e a cultura possibilitaram aos psicanalistas instrumentos efetivos de análise social e política, em suas dimensões individuais e coletivas, que os analistas, marcados pelo ensino de Lacan, exploraram as relações do sujeito com o poder, a alienação, o desamparo e a crueldade presentes em diversos fenômenos sociais.

Supõe que é possível fornecer subsídios teóricos que contribuam para pensar a subjetividade no campo do social, de acordo com um dos seus princípios que diz respeito à possibilidade de modelar sistemas de produção de sentidos subjetivos que escapam às evidências e que expressam a maneira como uma sociedade afeta as pessoas que a integram, assim como os diferentes espaços particulares de subjetividade social.

Quer-se, desse modo, saber o que faz função de real no saber. Mas o que faz função de real no saber é o impossível. São os impasses da formalização. O impasse é como encontrar o impossível em uma prática da fala. A resposta é recorrendo ao escrito, à formalização matemática. Essa formalização se faz ao contrário do sentido. Faz função de real o que não pode se escrever.

Esta aversão à função da fala e ao campo da linguagem em psicanálise, aversão, na verdade, à hipótese de Lacan, tem implicado trazer para o campo que nos concerne uma série de termos impróprios.

O primeiro deles é auto-estima, um termo definido como a avaliação subjetiva que uma pessoa faz de si mesma. Minha idéia é que a psicanálise devia contestar este termo. Devia opor ao termo auto-estima um termo nascido da sua experiência, o narcisismo, que é esta avaliação subjetiva, que Freud ao introduzir inclusive discerne o que se passa no nível da neurose e da psicose.

Tudo que diz respeito à imagem corporal, ao ego, que devemos chamar de imaginário, essa avaliação de si enquanto corpo, tem essa tradição na mitologia de Narciso.

Freud fez um sumário dos caminhos que levam às escolhas de objeto narcísica e anaclítica, escolha a partir do corpo próprio e do corpo do outro, embora Lacan não acredite que se possa fazer escolha anaclítica, isto é, baseada no objeto, porque não há relação objetal. O objeto não é complemento, mas causa e, sendo assim, não pode ser objeto de uma escolha sempre narcísica.

Outro termo, avesso à função da fala e ao campo da linguagem, que se tornou senso comum, é depressão. Este termo não imputa nenhuma responsabilidade ao sujeito pela formação do sintoma, de acordo com a hipótese biológica que o suporta.

Embora seu uso tenha começado como uma metáfora, hoje tem uma aplicação absolutamente literal, por exemplo, quando se fala de ciclotimia rápida de pico, e vale na linguagem psiquiátrica corrente.

Praticamente, toda a taxonomia psiquiátrica gira em torno da depressão e de sua explicação biológica, a tal ponto que o "Manual" diz que detrás de todo sintoma psiquiátrico existe um sintoma depressivo.

Freud parte de outra hipótese ao fazer esta dupla homologia: o sonho está para a paranóia assim como o luto está para a melancolia. Por sua vez, Lacan prefere tratar do afeto da tristeza a fim de criticar a hipótese dos estados da alma que reedita a dualidade cartesiana de mente e corpo já criticada acima em sua hipótese.

Outro termo avesso à hipótese lacaniana é estresse. O estresse é definido como qualquer agente, ou estímulo, nocivo ou benéfico, capaz de desencadear no organismo mecanismos neuroendócrinos de adaptação.

Transposto ao campo que nos concerne o termo estresse é utilizado para explicar o que não se sabe, o que é impossível de explicar, logo, o real. Minha proposta é que se conceba no lugar desse agente o significante um, S1. Desse modo, o termo estresse encontraria seu limite e sua aplicação conveniente.

Lacan indica, em “Televisão”, que o inconsciente estruturado como uma linguagem explica melhor o que se passa no nível neuroendócrino do que essa idéia de acomodação. Retorna ao assunto em “Mais, ainda” ao se perguntar: o corpo, o que é isso? Por que ele produz secreções, excreções, concreções cada vez que é afetado pelo significante? O significante afeta o corpo ou o corpo afetado pelo inconsciente é o próprio sujeito de um significante.

Outro termo avesso à hipótese de Lacan é limite. Cada vez mais se tem falado em declínio da família, em desordem da família, em declínio da função paterna. A suposição de que o limite deve ser exercido pelo pai, pela família vem da Bíblia, do Eclesiastes: educa o menino no caminho que ele deve andar e, até quando envelhecer, não se desviará dele.

Se não ao pai, atribui-se ao guarda a função de dar limites. Se não for função da família será da polícia. Em uma carta a Pfeifer, que Lacan retomou em “Radiofonia”, Freud apresentou sua hipótese: educar é impossível.

Obviamente, no que diz respeito ao sujeito do inconsciente, ao sujeito de um significante, que é o próprio corpo afetado pelo inconsciente, a função de dar limites é do real. O real dá mais limites que o genitor. Assim entendo porque Lacan afirma que a ordem familiar apenas traduz que o Pai não é o genitor e que a Mãe contamina a mulher para o filho do homem; tudo sendo conseqüência disto.

O limite é do Outro que o impossível encarna melhor que o genitor. O limite é da Outra cena, lugar do significante. O limite deve ser a introdução de um significante que valha como ético, como imperativo do supereu. Acreditávamos que isso era possível através da identificação: tal pai, tal filho, pai ético, filho ético, mas isto não se tem verificado verdadeiro.

O que se tem verificado, de fato, é que o Outro não dá a garantia que o sujeito espera, não há garantia do Outro. De maneira que o sujeito vive (olha aí outro uso do termo) num certo desamparo do Outro e tem por isso de se identificar.

Mais um termo avesso à hipótese de Lacan é prematuração. Não se faz, quanto a este termo, o necessário discernimento entre o que se passa no nível biológico e na dimensão do real. Não se distingue, no campo que nos concerne, o que acontece no nível neurológico, a

prematuração da bainha de mielina, e na dimensão da alíngua, o fato do *falasser* nascer mal-entendido no meio de dois outros *falasseres* também mal-entendidos e que se conjugam para a reprodução de corpos.

Dito de outra maneira: não é o fato de que não nascemos com a capacidade de deambular, mas o fato de que não nascemos com a capacidade de falar que é a condição necessária da formação do sintoma mental.

Ainda um termo que resiste à hipótese de Lacan, a hipótese do inconsciente real, a repressão. Que se diga que gozamos mal porque há repressão sexual sendo a culpa da família, da sociedade e inclusive do capitalismo, não se discerne muito bem o recalque e a repressão, visto que se supõe que o recalque seja parental e a repressão social. Não se trata disso. A repressão, seja parental ou social, não é um conceito psicanalítico. O recalque o é, e deve se entender como uma operação exclusivamente do significante.

Quando Freud fala da repressão, por exemplo, em “A interpretação dos sonhos”, quando usa o termo *Verdrängung*, que preferimos traduzir por recalque, ilustra este mecanismo com a alegoria da ditadura: um jornalista quer escrever algo, mas teme ser censurado, então escreve por metáforas, recorre às figuras de linguagem, tal como o sujeito do inconsciente procede na elaboração onírica.

Lacan é ainda mais explícito, em “Televisão”, quando afirma que o recalque não provém da repressão, ao contrário, o recalque é primário. Que a família e a sociedade podem ser concebidas como condicionadas a partir do recalque. Que mesmo que as lembranças da infância, as recordações da repressão sexual não fossem verdadeiras inventaríamos fantasias como as da criança espancada: levei uma surra danada só porque roubei uma bolacha, mas me pareceu que ele sabia que eu olhava titia tomar banho pelo buraco da fechadura.

O mito é isso, a tentativa de dar forma épica ao que se opera da estrutura. O impasse sexual é esse, inventar ficções, racionalizações sobre o real, o impossível de onde elas provêm.

Finalmente, mais um termo avesso à hipótese lacaniana: o complexo de Édipo. Vale a pena discernir quanto a este termo menos a questão do incesto e do parricídio, inclusive o infanticídio, do que a divisão do sujeito em relação à mulher, a santa e a puta, o insuportável da divisão do objeto, da divisão do Outro. Freud verifica que é habitual esta tendência à depreciação da mulher.

Lacan atualiza este termo no conceito de sintoma: o complexo de Édipo é como tal um sintoma. No complexo de Édipo trata-se, sobretudo em Sófocles, na tragédia, da inevitabilidade do destino. Lacan o atualiza recorrendo à impossibilidade do desejo. O destaque está no fato de que ele não sabia.



Que Édipo tenha como prêmio, por ter decifrado o enigma da esfinge, Jocasta, uma mulher que é sua mãe, isso é contingente. É, como disse há pouco, porque a mãe contamina a mulher para o filho do homem.

Em Hamlet já se pode notar esta contaminação, pois o que o intriga é a luxúria de Gertrudes, mas esta contaminação é mais explícita em Karamázovi, onde pai e filho disputam uma mulher, Grúchenka.

Tal como Lacan desenvolveu em “asexo(ualidade)”, a relação incestuosa não é a relação impossível, a relação que não pode haver é a relação sexual na mesma geração, e não a relação sexual entre gerações. Eu proponho substituir o termo complexo de Édipo pelo termo RSI, Relação Sexual Impossível.